

# COLETÂNEA TRAVESSIA

## CONTOS E CRÔNICAS

ORGANIZADORES: JOAQUIM MELO DE ALBUQUERQUE • MARIA PINHEIRO PESSOA • LADY DAYANA OLIVEIRA



**u**  
Imprensa  
Universitária  
UFC

**CONCURSO LITERÁRIO DA  
SEMANA DO SERVIDOR  
UFC 2020**



Presidente da República

**Jair Messias Bolsonaro**

Ministro da Educação

**Milton Ribeiro**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

Reitor

**Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque**

Vice-Reitor

**Prof. José Glauco Lobo Filho**

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

**Prof. Almir Bittencourt da Silva**

Pró-Reitora Adjunta de Planejamento e Administração

**Adênia Maria Augusto Guimarães**



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

Diretor

**Joaquim Melo de Albuquerque**

# COLETÂNEA TRAVESSIA

## CONTOS E CRÔNICAS

• ALUÍSIO FERREIRA DE LIMA • CAMILA IZIDORIO DE SOUSA • CARLA GALVÃO FARIAS • CARLOS DANIEL ANDRADE DA SILVA • JULIANA MARIA FERNANDES DE ALMEIDA • LUÍS FILIPE ESTEVINHA LOURENÇO RODRIGUES • NARA RAQUEL FONTELES RIOS • ROBERTA DA ROCHA BRAGA • TALITA NOGUEIRA MAIA • WESLEY LYEVERTON CORREIA RIBEIRO

ORGANIZADORES: JOAQUIM MELO DE ALBUQUERQUE • MARIA PINHEIRO PESSOA • LADY DAYANA OLIVEIRA



**Coletânea Travessia – contos e crônicas**

Copyright © 2020 by Joaquim Melo de Albuquerque, Maria Pinheiro Pessoa de Andrade e Lady Dayana Silva de Oliveira (organizadores)

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará

**Coordenação editorial**

Joaquim Melo de Albuquerque

**Revisão de texto**

Alana Kercia Barros

Leonora Vale de Albuquerque

**Normalização bibliográfica**

Perpétua Socorro Tavares Guimarães

**Programação visual, Diagramação e Capa**

Valdiano Araújo Macêdo

**Secretaria de Cultura Artística da UFC (SECULT-ARTE/UFC)**

**Diretora:** Maria Pinheiro Pessoa de Andrade

**Vice-diretor:** Francisco Alves de Miranda

**Assistente em Administração:** Hilda Luiza Pinho Ribeiro

**Produtora Cultural:** Lady Dayana Silva de Oliveira

**Comissão Julgadora do I Concurso Literário da Semana do Servidor UFC 2020**

Marcelo Almeida Peloggio (presidente)

Júlio Cezar Bastoni da Silva

Orlando Luiz de Araújo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Bibliotecária Marta Regina Sales Barbosa CRB 3/667

---

C694 Coletânea Travessia [livro eletrônico] : contos e crônicas / organização: Joaquim Melo de Albuquerque, Maria Pinheiro Pessoa de Andrade, Lady Dayana Silva de Oliveira. - Fortaleza: Secretaria de Cultura Artística da UFC : Imprensa Universitária, 2020. 1270 Kb ; PDF

Publicação resultante do Concurso Literário da Semana do Servidor UFC 2020.  
ISBN 978-65-884-92-23-9

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Crônicas. I. Albuquerque, Joaquim Melo de (org.). II. Andrade, Maria Pinheiro Pessoa de (org.). III. Oliveira, Lady Dayana Silva de (org.).

CDD 869.8

---

# APRESENTAÇÃO

O Concurso Literário da Semana do Servidor UFC 2020, que resultou na *Coletânea Travessia – Contos e Crônicas*, foi idealizado em um contexto pandêmico de grandes desafios para a instituição como forma de resistir e fazer surgir, diante de uma realidade adversa, uma iniciativa que fizesse florescer nessa travessia histórias e narrativas.

A Secretaria de Cultura Artística da UFC, em parceria com a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e a Imprensa Universitária da UFC, desenvolveu a ação com o intuito de fomentar a produção literária na Semana do Servidor 2020 e por acreditar que seria um projeto inovador e relevante para estimular a produção textual dos grandes talentos presentes entre os servidores e empregados das instituições envolvidas, dando visibilidade às suas obras.

Espera-se com essa primeira edição, proporcionar aos autores dos textos aqui apresentados o reconhecimento merecido, aos leitores momentos de deleites e sensibilização e à Universidade Federal do Ceará mais um projeto de arte transformador e duradouro.

**Maria Pinheiro Pessoa de Andrade**

Diretora da Secretaria de Cultura Artística da UFC

# I CONCURSO LITERÁRIO DA SEMANA DO SERVIDOR UFC 2020

Os textos aqui apresentados foram produzidos por servidores docentes e técnico-administrativos efetivos da Universidade Federal do Ceará, divididos nas categorias de Contos e Crônicas, para o concurso literário promovido pela Secretaria de Cultura Artística da UFC em parceria com a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP).

Os dez melhores textos agora são apresentados nesta coletânea produzida pela Imprensa Universitária da UFC. O referido concurso faz parte da Semana do Servidor UFC 2020, que tradicionalmente ocorre todos os anos e é organizada pela PROGEP, com a participação de diversas unidades acadêmicas e administrativas da UFC.

Os servidores selecionados, agora autores, produziram textos diversos no sentido de fomentar a produção literária, e a PROGEP tem a honra de parabenizá-los no momento em que oferece à comunidade universitária e à sociedade cearense a coletânea em sua versão final.

**Marcus Vinícius Veras Machado**  
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas – UFC

# PREFÁCIO

## TANTAS TRAVESSIAS

Há muitas diferenças de motivação entre escrever e publicar. Escreve-se primordialmente por um exercício de liberdade e autoconhecimento: às vezes, observar os pensamentos “do lado de fora” é essencial – um mecanismo reflexivo, terapêutico e, claro, estético. Mas o aspecto artístico, que induz à publicação, é apenas uma parte do fenômeno, que, em sua maioria, realiza-se muito bem pelo isolamento necessário ao aprendizado íntimo e confissão. Assim, publicar contempla uma fatia do processo de escrita, aquela que – compartilhável – obedece a outras motivações.

Nestes contos e crônicas, selecionados pelo Concurso Literário da Semana do Servidor UFC 2020 para a *Coletânea Travessia*, nascem oportunidades – um raio de energia-potência que se lança pelo mundo afora. Publicar é sempre um gesto de esperança, de aposta no encontro – quer ele aconteça no mesmo espaço/tempo do(a) autor(a), quer alcance rumos imprevisos, por geografias e gerações além. A relevância do ato de publicar se firma no diálogo: potencialmente, cada livro é uma voz nessa conversa profunda que se chama Literatura.

Foi com grande satisfação que encontrei uma predominância de mulheres nesse conjunto. Elas têm variados timbres e estilos; vão

da postura filosófica à descontração bem-humorada, abordam temas de interesse genérico ou se concentram em casos específicos de uma realidade profissional ou cotidiana. Guardei alguns nomes, para acompanhar seus próximos escritos: tornei-me leitora cativa, e esta declaração, bem sei, é o melhor sinal de êxito que um(a) escritor(a) pode receber.

De modo geral, constatei com curiosidade que muitos destes textos abordam o místico, o misterioso, com pitadas de sobrenatural. Será um eixo de confluência, numa coletânea que nasceu de motivações as mais diversas e livres? Se assim for, talvez estas travessias abram caminhos subjacentes que mal suspeitamos... O primeiro passo foi dado. Que venham novos escritos, novos livros, com paisagens variadas para a gente palmilhar!

**Tércia Montenegro**

Escritora e professora do curso de Letras da UFC

# SUMÁRIO

## CONTOS

12

### **A HORA DOS PÁSSAROS**

*Talita Nogueira Maia*

17

### **A QUARTA CIDADE: BREVES NOTAS SOBRE A JAGUARIBARA ESPECTRAL**

*Alúcio Ferreira de Lima*

21

### **DESCONHECIDO**

*Juliana Maria Fernandes de Almeida*

29

### **O PIANISTA NA FRESTA**

*Luís Filipe Estevinha Lourenço Rodrigues*

38

### **PESADELO**

*Carla Galvão Farias*

44

### **POR ENTRE LOAS E BATUQUES**

*Wesley Lyeverton Correia Ribeiro*

49

### **SEM WIXIA**

*Carlos Daniel Andrade da Silva*

## CRÔNICAS

55

### **ALEATORIEDADES LABORAIS**

*Roberta da Rocha Braga*

64

### **JORNADA**

*Nara Raquel Fonteles Rios*

70

### **PASSAGEIRA**

*Camila Izidorio de Sousa*

# CONTOS

# A hora dos pássaros

## Talita Nogueira Maia

Advogada e escritora, graduada pela Universidade de Fortaleza em 2014. Ingressou no serviço público em 2008 no IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008 a 2010). Técnica Judiciária do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará - (2011). Técnica-administrativa na UFC desde 2016, tendo sido membro da Comissão Permanente de Acumulação de Cargos (2016 a 2018) e atuando na Coordenação Geral das Casas de Cultura Estrangeira, de 2018 até o momento. Como escritora, possui as seguintes publicações: Como se fosse verdade - livro de poesias publicado em 2014 - Editora Premium; Coletânea de Crônicas - Prêmio de Literatura UNIFOR 2015 (coautora); Coletânea de Poesias - Prêmio de Literatura UNIFOR 2011 (coautora); Coletânea Jovem - Prêmio Ari de Sá Cavalcante 2006 (coautora); Coletânea Jovem - Prêmio Ari de Sá Cavalcante 2005 (coautora) e Coletânea Jovem - Prêmio Ari de Sá Cavalcante 2004 (coautora).

## A HORA DOS PÁSSAROS

A vida tinha engarrafado, não como no tempo antigo, regido pelo semáforo, mas numa garrafa estreita e com tampa, hermeticamente fechada, pouco ar, muita pressão. Da janela não se ouviam buzinas apressadas, nem barulho de comércio, nem gente, nem vida. Os relógios pareciam ter quebrado e se enfiado num espaço de tempo cheio de vazio, talvez meio-dia. O meio homem olhava o relógio sem saber pra quê, ninguém havia perguntado as horas, nem ele mesmo desejava saber. Era sempre meio-dia, meia vida, no meio do nada. De dentro da garrafa apertada não se ouviam os barulhos de sempre, não se percebiam o arrastar das horas, e os marcadores de tempo, que mais pareciam sinos antigos, silenciaram: a saída das escolas, o fechamento das lojas, os cães nas ruas, os freios dos ônibus, os galos e o arranhar das panelas, nada mais se ouvia.

O meio homem sentia estar perdendo a audição. Uma tontura tomava de conta toda vez que tentava levantar-se da cama, um zumbido indistinguível. Tudo embaçava e girava e ficava cada vez mais lento, como se fosse o ensaio do fim.

Já sentia as pernas fracas, não fazia longos movimentos há dias, e já nem podia contar. Não sentia fome nem sede, não sabia há quanto tempo havia ido à cozinha pela última vez. O corpo mole, a cabeça pesada, os ouvidos cada vez menores. Só zumbido. Com o controle remoto entre os dedos, ligou a televisão a fim de saber se o mundo havia acabado de vez, mas a dor no estômago veio instantânea, sem

dó, e atravessou o peito do meio homem num lance só, como uma lança, rápida e certa, como quem conhece bem a trilha da dor. Inclinou a cabeça pra direita e deixou escapar o noticiário entre os dentes, ácido, líquido e sem cor. Pra sua surpresa, no chão, bem na direção da sua cabeça, havia um balde esperando a dor transbordar. O cheiro de vômito subiu e despertou o homem, que arregalou os olhos, como se acordasse de um cochilo. O cheiro não o incomodou, não se lembrava de sentir cheiro algum nas últimas horas. Achou estranho mesmo foi o balde, não se lembrava de tê-lo colocado ali, não se lembrava de ter vomitado antes, não sabia o que havia comido no dia anterior, não lembrava há quanto tempo existia e se a tristeza era endereço. Estaria doente, à beira da morte? Não sabia. Sua consciência adormecera no esôfago.

O peso do corpo tornava tudo imensamente lento e fluido, como se estivesse mergulhado em uma gosma densa, só com a cabeça pra fora, à procura de um pouco de ar. Ofegante e lento, conseguiu levantar-se, apoiando os braços no sofá da sala, e ficou de pé por alguns segundos, parado, vendo a sala girar. Tropeçou no balde de vômito aos seus pés, mas por sorte não caiu; deixou seu corpo ir, segurando as paredes pelo corredor da casa. Deixou-se ir porque no fundo sabia que seus pés reconheciam melhor aquela casa do que ele próprio. Não se lembrava de nada, nada lhe vinha à memória senão cheiro de vômito, que tomara conta da casa mais uma vez, mas seus pés sabiam aonde ir e foram... Conduziram o meio homem pelo corredor estreito e viraram à esquerda, bruscamente, ao encontro da porta branca. O meio homem cambaleava, e aos esbarrões a porta se abriu. Era o banheiro. Virou o tronco na direção da pia e lavou o rosto e a boca. Enquanto a água escorria pelo ralo e inundava suas retinas embaçadas, pôde sentir um toque leve em seu corpo, que escorria dos ombros, pelas costas,

até a barriga, como se braços o envolvessem... Que braços? Olhou o espelho e nada viu. Saía do banheiro enquanto secava o rosto com a toalha que surgira em suas mãos e, ainda cambaleando, parou no meio do corredor, como se a memória quisesse tornar. Aquele cheiro no banheiro, aquelas vozes distantes. Será que morava com alguém ou era sozinho naquela casa? Passando pelo corredor, em cima da mesinha, vira um copo com água. Virou o copo na boca com a sede das infinitas horas. Agora, cheio como um rio, seus sentidos acordavam de um sono profundo lentamente. O zumbido ensurdecedor transformara-se em barulhos cada vez mais altos dentro da casa, mas dessa vez tinham forma, eram barulhos desenhados, queriam dizer, mesmo que ele não entendesse nada naquele momento.

Em meio aos cheiros novos e aos barulhos desenhados pela casa, seu corpo também começou a ganhar forma, mas por pouco tempo. O chão parecia gritar e o peso do corpo chamou-o mais uma vez, ao que cedeu sem pestanejar, desabando no sofá de onde saíra há poucos e infinitos minutos. Ao cair no sofá, sentia como se desabasse em granito, duro e determinado a quebrar todos os seus ossos em pedaços pequeninos. Esticado e torto, virou o pescoço e olhou-se por inteiro, como que para conferir se ainda estava ali ou se diluíra na gosma que respirava. Ao conferir o corpo pesado, apertava os olhos tentando enxergar a dor que o atravessava, mas nada via, nada que não fosse o relógio de parede, que ficava pendurado pouco acima da televisão, que noticiava em silêncio. O relógio não marcava meio-dia e o meio homem ficou confuso e apertava os olhos cada vez mais pra enxergar as horas. O relógio estava sem ponteiros. Teriam derretido com o calor? Teriam sido arrancados por alguém? Não lembrava. Assim como não se lembrava de ter riscado as paredes da sala. Seus sentidos voltavam

aos poucos e o deixavam ainda mais confuso. A sala, que antes girava provocando-o, agora estava quieta e amarelada com a luz da tarde que entrava naquele momento. Os desenhos na parede pareciam brincar com o sol. Quem teria feito aquilo? Seria aquele meio homem desenhista, escritor? Não sabia. Não se reconhecia por dentro ou por fora, mas sentiu uma assombrosa paz ao olhar a parede quieta, amarelada de luz e rabisco.

De súbito, enquanto olhava mais uma vez o relógio sem ponteiros, viu invadir a sala, pela mesma janela em que deitara a luz, um bicho atordoado, voando ensandecido pela sala à procura de sabe-se lá o quê. Parecia perdido, dando voltas em torno do teto da sala, até pousar como uma pena em cima do relógio. Era um pássaro verde e branco, com um cantar alto e bonito. O meio homem viu o pássaro e iluminou-se. Correu até a janela e viu a revoada passando, a confundir as cores do céu. O pássaro bradava dentro, a mancha que a revoada formava no céu bradava fora. Pareciam bem saber o que diziam. Era um lembrete do tempo, que como um estalo de luz fez o homem inteiro, que desandou a cantar alto também: “venham ver, já é a hora dos pássaros [...]”. As crianças correram do quarto até à sala, também a cantar: “mamãe, mamãe, o papai acordou!”. A mulher parou na sala a olhar pai e filhas avistando a revoada. Quando o homem percebeu a mulher, seus olhos se iluminaram e ele pôde ler o rabisco na parede, ao lado dela, que fora escrito há quatro meses, quando a depressão chegara forte e dura: “a vida é bonita, amor, não esqueça a hora dos pássaros”.

# A quarta cidade: breves notas sobre a Jaguaribara espectral

## Aluísio Ferreira de Lima

Psicólogo e doutor em Psicologia Social. É Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC. Líder do Parallaxe: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

## **A QUARTA CIDADE: BREVES NOTAS SOBRE A JAGUARIBARA ESPECTRAL**

O que distingue essa cidade do sertão cearense das outras é que, no lugar do sol ardente e do ar, o que prevalece em sua composição é a água. As ruas são completamente alagadas; os quartos estão cheios de plantas aquáticas espalhadas de maneira difusa por todos os cômodos; os telhados das casas, em alguns casos, não são formados por telhas ou outro tipo de cobertura, o que torna impossível sabermos ao certo onde começam e terminam. Difícil dizer se os habitantes podem andar pela cidade: o frio e a escuridão afetam todos os corpos e retiram suas forças e resistências; alguns permanecem parados, outros seguem os movimentos da água. Resta apenas esperar, uma vez que não poderão deixar a quarta Jaguaribara em hipótese alguma.

As pessoas que vivem fora da cidade, que tentam vislumbrá-la de cima, não conseguem ver nada, embora alguns cheguem a dizer: “– Ela está lá no fundo!”. Por incrível que pareça, outras, da política local, prefeririam esquecê-la, desejam há muito tempo que ela deixe de existir. Atitude típica de quem se desfaz de alguma coisa e não quer mais pensar nela. O embaraço da presença dessa Jaguaribara é evidente, afinal, ela desconstrói a harmonia do conjunto das outras três cidades a que está vinculada. Refiro-me à Jaguaribara dos vivos, aquela onde os habitantes possuem os mesmos nomes, a Jaguaribara dos mortos, o cemitério, e a terceira, a Jaguaribara dos não nascidos.

As prosperidades da primeira e segunda cidade de Jaguaribara são conhecidas e dispensam linhas para descrevê-las. Quanto mais

essa cidade dos vivos aumenta a quantidade de seus habitantes, mais aumentam as tumbas daquela cidade dos mortos. A terceira Jaguaribara, a dos não nascidos, é a que produz maior preocupação, uma vez que, embora exista um espaço extremamente vasto para os que ainda irão nascer, é certo que o território nunca será proporcional ao número de novos habitantes. A quarta Jaguaribara, essa cidade a que me refiro especificamente nessas linhas, devido à sua característica particular, se mantém em uma zona de indistinção no que se refere ao seu lugar no tempo e no espaço.

É importante dizer que essa cidade, um dia já foi, inclusive, a primeira. Em um passado recente, quando o ar circulava em abundância e a seca era um perigo eminente, era considerada a Jaguaribara dos vivos. Imaginava-se até então que ela poderia acolher para sempre a cidade dos não nascidos e ainda procurava na cidade dos mortos a explicação para si própria, mesmo sabendo do risco de encontrar respostas inadequadas para mais de uma Jaguaribara. Aliás, essa busca por explicações e por alguma segurança de futuro custou para nossa Jaguaribara o sacrifício de si.

O fato de ocupar um espaço em meio ao sertão e ser escolhida para acolher as águas que poderiam saciar a sede de seus habitantes e os interesses dos políticos da região foi a justificativa para seu afogamento. Era preciso que ela morresse para que uma nova Jaguaribara dos vivos pudesse existir. E sua suposta aniquilação, mesmo que tenha produzido certa tristeza e sentimento de derrota para aqueles que lutaram por sua permanência, foi recebida com alegria pelos sobreviventes quando as águas passaram a ocupar o ar dessa cidade. A partir de então, essa Jaguaribara passou a ficar em suspensão, sendo passível de visita apenas no mundo dos sonhos. E o que isso significou de fato? Como poderia ainda ser visitada por alguém?

Nossa Jaguaribara não se tornou totalmente um cadáver; de algum modo, a despeito da inundação, continuou a existir, claro, assumindo uma outra forma. Essa forma, como sabemos, foi a de um espectro, ou seja, a de uma existência não viva que, de súbito, preferencialmente durante as horas noturnas, envia sinais, às vezes sonoros, às vezes em aparência, para não ser jamais esquecida. Isso porque, sendo o resultado de signos, marcas, nomes cifrados e restos que o tempo risca sobre as coisas, um espectro arrasta consigo uma memória contra as tentativas de progresso que tentam seguir apagando os rastros de sua destruição. É uma forma de vida póstuma ou complementar, que nasce quando tudo parece ter acabado e que mantém, perante o que está vivo, os rastros de quem nada mais tem diante de si. Não por acaso, os espectros são trabalhados pelo imaginário popular como fantasmas, que perturbam os vivos até que algo não resolvido possa ser completado.

E o que reivindica a Jaguaribara espectral? Eis o mistério sobre o qual os habitantes da atual primeira Jaguaribara terão que se debruçar. É certo que a maioria sequer consegue perceber as três cidades existentes, quem dirá essa quarta. O que posso dizer é que a espectralidade da quarta Jaguaribara renova os esforços que se voltaram para sua resistência. De forma curiosa, sua aparição atualmente se dá nas mesmas condições que geraram as justificativas de sua condenação: durante os períodos de seca, em que o sol não dá trégua para o sertão e as preces pelas chuvas se tornam constantes – inclusive, alguns olhares mais sensíveis têm conseguido vislumbrar o seu espectro e registrá-lo, capturando sua imagem. Essas fotos comprovam e renovam sua existência/permanência.

# Desconhecido

## Juliana Maria Fernandes de Almeida

Possui graduação em Biblioteconomia, Especialização em Gestão Pública e Especialização em Educação Inclusiva. É bibliotecária na Universidade Federal do Ceará.

## DESCONHECIDO

Andava em círculos, reto, já não lembrava; tudo parecia igual a antes. A floresta era densa, não conseguia ver nada em torno ou além, o caminho era quase todo coberto de vegetação, sufocante.

– O que você está fazendo aqui? – falou uma vozinha.

Parou assustado. Estava há tanto tempo andando sozinho que uma voz humana era um tanto estranha e inesperada. Mas teria escutado direito?

– Quem é? – perguntou ele.

Olhou em volta, seria um fantasma?

– O que está fazendo aqui? – repetiu a vozinha.

Olhou na direção de onde achou que vinha e a viu, uma criaturinha pequena, o observando a uma pequena distância.

– Você é real? – ele falou com os olhos arregalados.

– Mas é claro! Não vê? – ela falou e suspirou em seguida.

Agora ela estava a sua frente, podia vê-la nítida e era um alívio não estar mais só.

– Por que está aqui? – ela o encarava.

– Nem sei – ele respondeu dando de ombros.

– Nem sabe – ela falou e concluiu logo em seguida: – Você não deveria estar aqui.

Isso ele sabia, tanto que estava de partida.

– Sabe onde estou? – ele perguntou.

– Não sabe mesmo? – o tom dela era de dúvida, soltou outro

suspiro. – Precisa voltar antes que anoiteça – ela falava agora em um tom de autoridade.

Ele concordou com a cabeça. Precisava voltar sim, só não sabia como.

– Ando reto, ou em círculos, não sei, perdi a conta.

– Sim, anda em círculos, reto, e cada vez mais longe. Deve seguir por ali – ela disse e apontou para um ponto na mata.

Ele olhou para aquele ponto indistinto. Haveria uma passagem ali? Mas não havia nada aparente, só vegetação.

– Hum, não sei. Como pode saber que devo ir por ali?

– E não é óbvio? – ela deu um suspiro e disse num tom incisivo: – Vamos!

Mas o que ele poderia fazer? Ele a observou indo à frente sem nem olhar para atrás, até que a perdeu de vista. Ficou só de novo. Seguiu em silêncio. Ela parecia saber, ia à frente como um guia. Não importava para que lugar que ele olhasse, não distinguia nada; não sabia onde estavam, para onde iam, mas parecia que estavam no caminho certo. Era um atalho? Como ela podia seguir sem se perder? Ela andava sem dificuldade, desviando de um galho, arbusto, sem nem mesmo um olhar. Às vezes ela tocava folhas pelo caminho distraidamente, mas nunca parava ou retrocedia, olhando sempre em frente.

E então ela parou e olhou para trás. Levantou o dedo em um sinal de silêncio. Ele ficou imóvel. Silêncio, e então um farfalhar de folhas. Seria o vento? Mas a floresta era tão densa, nem luz nem vento passava livre. Prendeu a respiração. Aguardaram segundos, minutos, não sabia. O tempo ali se arrastava. Então de súbito a menina se moveu e seguiu andando. Ele a acompanhou. Andava lento, atrás. O que teria sido aquilo? A certo ponto ela diminuiu o passo, parecia menos tensa. Algo naquela floresta era inquietante, a luz entrava escassa, e algumas partes dela ficavam na sombra. Sentia-se grato por ela estar ali.

O sol estava se pondo.

– Vamos parar aqui, pela manhã continuamos. Ela parou próximo a uma grande árvore, sentou e se encostou nela. Fechou os olhos e ficou assim por um longo tempo. Devia estar cansada, ele também. Há quanto tempo andavam naquela floresta? Ela era pequena, frágil, mas era forte e corajosa, ele pensava enquanto a observava. Ela abriu os olhos, os olhos se encontraram. Ela tinha olhos sérios e corajosos, ele pensou. Se fitaram por um longo tempo, até que ele desviou o olhar. Sentou próximo à árvore, próximo a ela.

Após um longo silêncio, uma pergunta.

– Não está cansado?

– Não, estou bem.

– Descanse – ela disse e fechou os olhos.

Ele não poderia, ficaria alerta, vigiando.

– Eu tenho o sono leve – ela disse, como se lesse seu pensamento.

Silêncio.

– Como você se chama? – ele perguntou.

– Jô.

– Jô – ele repetiu e, após um breve silêncio, continuou: – Eu me chamo Ren.

Silêncio.

Ele tinha tantas perguntas, mas algo não parecia certo.

Jô mantinha os olhos fechados, parecia adormecida, mas ela tinha o sono leve, lembrou.

A floresta era barulhenta à noite. Eram tantos sons indistintos. Com o tempo achou que começava a decifrá-los: gritos, sussurros, lamentos. Como ela poderia cochilar? Ficaria alerta. A noite estava um pouco clara por causa da Lua; de onde estavam podia ver o céu. Uma luz

suave adentrava a floresta deixando-a na penumbra, para Ren a floresta parecia assombrada. Nos lugares onde não penetrava a luz, havia sombras, e ele se perguntava se estaria alguém ali à espreita, talvez uma figura imóvel os observando. Aproximou-se um pouco mais de Jô. Pareciam ter a mesma idade, ou talvez fosse mais jovem, não sabia, ela era menor que ele, mas apesar do tamanho ela tinha uma expressão séria, indefinida.

– Jô? Está dormindo?

– Durma.

– Mas como? Com esse barulho?

Jô abriu os olhos e o encarou.

– Que barulho? – ela ficou em silêncio, escutando e em seguida suspirou. – Esses barulhos são só os sons da floresta, são inofensivos.

Ele duvidava, ela continuou.

– Não tenha medo. Eu conheço essa floresta muito bem, posso até andar de olhos fechados nela sem me perder. Escute – ela se calou e fez sinal para que ele ouvisse – Entendeu agora? – disse em seguida: – Descanse o quanto puder, assim que o sol nascer, nós partimos. Ela se encostou na árvore novamente e fechou os olhos.

Aquelas palavras o tranquilizaram um pouco, mas ele continuava sem entender. Acreditava nela, apesar de achar um tanto impossível ela andar de olhos fechados naquela floresta sem se perder, bem como aqueles sons estridentes serem inofensivos. Mas se ela dizia, então devia ser verdade. Antes achava a floresta indecifrável, mas ela a fez parecer simples. Caminhava sempre tão firme, corajosa. Ele era um desconhecido, o que ele poderia saber? Encostou-se na árvore, fechou os olhos, e aos poucos os sons foram ficando longe, distantes, até desaparecerem.

Abriu os olhos. Onde estava? Não enxergava. Silêncio. Pensou se ainda dormia, sentia muito frio, mas, se não dormia, não era um sonho, então devia ter ficado cego. Arregalou os olhos. O que acontecia? Onde estava?

– Jô?

– JÔ!

– Shiiii!

– Onde está?

– Aqui. Fique calmo, logo vai amanhecer.

Sentiu um alívio. Mas o que tinha acontecido? O que tinha mudado? Por que aquele silêncio? E os sons? Onde estava a Lua?

– Cadê a Lua, Jô?

– Se foi.

– E os sons?

– Se foram.

Aquilo fazia parte do sonho? Mas com o que tinha sonhado? Se sentia dormente, o corpo gelado. O escuro o sufocava. E aquele som, eram passos? Quem estava ali? Uma mão segurou a sua, quente, Jô. Ele a segurou firme.

Naquele momento, pequenos pontos de luz surgiram. Ele segurou a mão de Jô com mais força. – Jô, por que as estrelas caíram do céu?

Silêncio. Uma risadinha.

– Não são estrelas bobinho, são vaga-lumes.

– Vaga-lumes?! Verdade?

Estava impressionado. O lugar de onde vinha não tinha vaga-lumes, na verdade lá mal se podiam ver as estrelas.

Depois de um tempo os vaga-lumes sumiram, uma luz cálida foi inundando a floresta, e pouco a pouco ela foi surgindo em contornos suaves. Pela primeira vez, ver a floresta tranquilizou Ren.

– Vamos lá! – Jô já estava de pé e já seguia em frente.

Ele levantou com um pouco de esforço, passou muito tempo naquela posição imóvel. Ela já ia distante, quase a perdeu de vista; seguiu-a cambaleando. Hoje se sentia mais forte, corajoso. Seguiram, andaram um longo tempo em silêncio. A floresta não o assustava mais, alguma coisa tinha mudado. Os caminhos pareciam diferentes, podia ver que tomavam outra direção e outra; realmente não tinha como se enganar. Viu uma borboleta. A primeira.

– Estamos chegando – Jô disse.

Os caminhos que antes eram estreitos e um tanto sufocantes foram ficando largos, até a luz estava diferente naquele dia. Desde aquela manhã, sentia que as coisas tinham mudado. Algo parecia certo. O medo tinha ficado para trás, talvez ainda estivesse adormecido naquela árvore. Sentia que podia seguir sem ele. Olhou para sua amiga, ela andava mais devagar agora. Andaram lado a lado por um longo tempo, até que ele a ultrapassou. Jô foi ficando para trás. Ele diminuiu o passo.

– Não pare – ela disse.

Era uma ordem. Ele continuou. Jô estava lenta. Por um tempo andaram assim, ele à frente, a distância entre ambos cada vez maior, até que foram avistando ao longe uma clareira. Caminharam, até que ele chegou à entrada dela e espiou.

– É aqui! Foi por aqui que vim.

Jô não respondeu.

Ren observou a sua frente e viu o caminho inteiro. Podia andar até de olhos fechados, pensou alegre.

Jô não se movia.

– Jô? – Não vem?

– Por que iria? – Só sei ir até aqui.

– Eu posso te guiar daqui em diante.  
Jô não respondeu. Um suspiro.  
Seria óbvio? Ele não sabia.  
Jô estava diferente.  
Ele tinha se enganado?  
Mas o que ele sabia?  
Era um desconhecido.  
Então lembrou da pergunta que estava adiando.  
Ficou em silêncio.  
Ficaram.

– Ren – era a primeira vez que ela dizia seu nome, e o disse de um jeito suave, quase com um sussurro. – Segue em frente e não olha para trás. Não era uma ordem, era um pedido.

Ele olhou para trás, mas não conseguia mais vê-la. Teria partido? Não, sentia que ela estava ainda ali, na sombra, imóvel, observando. Jô ficaria bem. Ele virou em direção à clareira e seguiu com passos firmes; atravessou. Era imensa, inundada de luz; enquanto caminhava, viu algumas flores, e uma borboleta, e lembrou do pedido da sua amiga, o único, e seguiu em frente, sem olhar para trás.

# O pianista na fresta

## Luís Filipe Estevinha Lourenço Rodrigues

Possui graduação e doutorado em Filosofia (Lisboa e Edimburgo): epistemologia e Filosofia da Ciência. Realizou pós-doutorado em Filosofia em Lisboa em 2018 (bolsista CAPES). É Professor do magistério superior - permanente e Orientador de mestrado e doutorado no PPGF. Grupo de pesquisa LANCOG, Lisboa; é Pesquisador chefe no grupo de pesquisa Filosofia, Metafísica e Cognição - UFC/Fortaleza.

## O PIANISTA NA FRESTA

**I. A queda** – Sentia o coração empedrado como uma calçada típica da Baixa Lisboeta. Fora atirado para aquele cubículo de reduzidas dimensões, onde vivia agora em permanência. Ali, como um animal enjaulado pelo infortúnio. Quase tautológico: só sofrem os que vivem.

Fora feliz em tempos. Possuía quase tudo, menos o tudo e o todo. Tivera alguém que o amava, filhos fantásticos, uma carreira impecável, uma posição social invejável, uma figura de adônis, riqueza e bens variados. Que mais poderia querer? Não é preferível uma vida fugazmente completa a uma eternidade de sofrimento?

Contudo, não esperara ser assim tão fugaz. Uma felicidade constante pode toldar a nossa perspectiva. Nunca lhe ocorrera morrer daquela maneira. Nunca pensara passar do céu ao inferno num ápice, graças a um instante determinístico, embora, paradoxalmente, repleto de aleatoriedade. Instantes como esse vivem-se em câmara lenta. Aquele resvalar da roda da frente no marco de três centímetros de altura na divisória da estrada entranhara-se, repetidamente, no seu pensamento. A sua coluna rachara com a fragilidade de uma cana. As suas pernas nunca mais sustentarão o resto do corpo. No final, a mente atraçou-o ainda mais do que o físico. Perdeu tudo, antes de perder-se a si próprio.

Ah! Mas ele tinha um plano! Os deuses não se ficariam a rir. Se resultasse, haveria menos um coitado em autocomiseração perpétua para gáudio desses ingratos. Valha-nos, mestre Schopenhauer...

**II. O cubículo** – Era um diminuto universo confinado em quatro ou cinco metros quadrados. Cabia uma cama estreita, alguns livros espalhados e a cadeira de rodas, ao canto. Ao seu lado, um velho piano sem cauda e de dimensões reduzidas. Parecia-lhe o sorriso do Gato de Cheshire. O improvável buraco negro tudo sugava para o seu interior, principalmente as tristezas e amarguras do seu ocupante. Uma diminuta fresta era a única coisa que ligava esse cubículo ao exterior. Um perfeito caixão para gente viva, com uma ligeira abertura. Parecia não haver ali portas ou janelas. Encerrado nesta bizarra caixa de Schrödinger, ele perguntava-se frequentemente se estaria vivo ou morto. Seria ele uma cobaia? Estaria refém de um bizarro experimento levado a cabo por físicos alucinados?

Atormentado por estas e outras estranhas questões, deixava correr as horas como se fosse imortal. Em vigília, tinha pesadelos recorrentes com o que acontecera. Quando dormia, sonhava lucidamente deambular, sonâmbulo, bípede, por grandes e belos jardins. Sobre-tudo, a cada segundo da sua atual existência, entranhava-se lhe nos ossos uma horrível impressão de o mundo estar irremediavelmente perdido para si. Estaria fora do alcance da sua vontade, como confessava muitas vezes em solilóquio.

Salvava-o por breves instantes a luz que, transpondo com dificuldade a fresta, chegava às suas pálpebras recorrentemente cerradas mas diáfanas. Ela acionava nele qualquer mecanismo neurológico que o empurrava para o sítio que afinal nunca deixara, mas de onde ansiava com todas as suas forças sair.

**III. O condomínio** - A azáfama do prédio começava sempre uns bons trinta minutos antes do raiar do dia. Não dava para ver essa

atividade através da fresta. Ele imaginava, porém, pelos sons que lhe chegavam, as pessoas abrindo as janelas e as portas dos seus quartos e cozinhas. Começavam então as desgraças e alegrias das vidas gregárias e rotineiras dos residentes. Não eram vidas inspecionadas, não senhor. Mas que lhe importava isso agora? Da sua perspectiva atual, o universo não se iria compadecer com vontades pessoais, intenções ou éticas. Ele parecia-lhe agora demasiado frio e indiferente a essas coisas que tanto valorizamos enquanto espécie. Espantoso parecia-lhe o facto não haver uma única alma naquele condomínio, excetuando ele próprio, que sequer cogitasse a possibilidade de não estar ao volante do seu próprio destino.

Com efeito, poucos entendem que a sucessão de acontecimentos não é por si mesma moral ou imoral, útil ou inútil, boa ou má, feliz ou infeliz. Por mais que nos custe ouvi-lo, essas são meras concepções antropomórficas, um geocentrismo de valores. Então, essa sucessão de acontecimentos não passa disso mesmo: uma sucessão de ocorrências. Nada mais, nada menos. Mas, claro, as pessoas sempre preferem, e sempre irão preferir, agradáveis ilusões que parecem dar sentido e rumo às suas vidas e desideratos. A sua desilusão fora o remédio para esse excesso de otimismo.

O concreto do prédio não conseguia esconder os gritos de dor de almas em constante sofrimento. Os seus excepcionais ouvidos e a sua mente logicamente arguta, mesmo estando encerrados no cubículo, conseguiam dar conta de todo o sofrimento e infelicidade que singravam dentro daquele condomínio. Tudo perpassavam como um imparável vento oceânico. Malgradamente, ele não se sentia solitário no fortuito jogo da desgraça.

Havia um pouco de tudo naquele lugar: maridos violentos e esposas frustradas, casais LGBT desavindos, idosos desesperados,

adolescentes incompreendidos, crianças abandonadas a si próprias, profissionais sem rumo, cientistas sem ideias, pastores sem fé, babás incompetentes, escritores e filósofos falhados, empresários falidos, médicos medrosos etc. Assim era a fauna humana que povoava aquele lugar. Só a falsidade ocultada é pior que a falsidade.

**IV. O piano** - Pensara muitas vezes pendurar-se pelo pescoço no candeeiro de teto. Mas existiam dois problemas sérios com esse plano. O primeiro era o de alguém paralisado da cintura para baixo chegar ao candeeiro de teto. O segundo, ainda mais impeditivo, era o de o cubículo não possuir candeeiro de teto. Restava-lhe dar uso ao vetusto piano. Dona Antónia, a sua senhoria, alugara-lhe o cubículo na condição de ele não mandar retirar dali o raio do mono. Ele aceitara, obviamente. O dinheiro escasseava e os locais dispostos a admitir um deficiente motor também não abundavam cidade. Mas o diabo do piano iria servir o seu propósito! Nem que fosse, literalmente, a última coisa que ele fizesse.

Agarrando uma corda que ficara para ali esquecida, conseguiu a custo subir com ela para a cadeira de rodas. Daí tentaria subir para topo do piano. Aí chegado, tentaria alcançar um dos ganchos metálicos dispostos simetricamente nas paredes do cubículo, os quais, imaginava ele, deveriam em tempos ter servido para segurar uma daquelas redes de descanso-balanço tão típicas por aquelas paragens. Bastaria apenas dar um nó sólido na corda, colocá-la em torno do pescoço e deixar-se cair. Fácil. Por certo muito mais fácil do que a vida deplorável que o esperava se assim não fizesse.

Adeus, deuses caprichosos! Não mais comandariam o seu destino! Não mais se divertiriam à sua custa! Seria a derradeira vingança contra a sua existência madrasta. Ou, então, seria a vingança e riso final

dela contra ele. O habitante do cubículo não conseguia decidir qual destas hipóteses se afigurava mais plausível. Mas do seu ponto de vista isso também já não importava.

Foi nesse momento crucial que o inesperado sucedeu. Sentado na cadeira de rodas e ao apoiar a mão no teclado do piano com o intuito de se arrastar para cima dele, este emitiu um som harmônico estranhamente familiar. Tratava-se de um belíssimo acorde. Pareceu-lhe gravado na sua mente desde sempre, como se se tratasse da face de um velho amigo de infância.

Mais inexplicável ainda foi o que sucedeu de seguida. Com efeito, veio-lhe à lembrança de forma bastante intuitiva e límpida, o resto do trecho que envolvia o fabuloso acorde. Começou então a tocar a composição completa, hesitante, mas sem falhar. Repetiu com uma desenvoltura que o deixou de queixo caído. Como poderia ser? Não podia! Nunca tocara num piano ou em qualquer outro instrumento musical! Aparentemente, os deuses burlescos haviam ganho também essa batalha. Até na hora do seu suicídio gozavam à sua custa.

Não mais parou de tocar nessa manhã e nas horas seguintes. Muitas outras composições musicais, especialmente clássicas, emergiram explícitas à sua consciência. Todas elas ele tocou com uma maestria indescritível. Dir-se-ia possuído por um qualquer espírito detentor dos dons da melodia, da harmonia e do ritmo. Quando as coisas correm de feição, questionar as suas causas passa rapidamente para segundo plano. Somos assim. Não é um defeito de construção, é simplesmente uma maneira de existir tão natural quanto outra qualquer.

E assim continuou aquele seu dia, tocando incessantemente músicas que desconhecia conhecer. Quando, finalmente, a exaustão sobreveio, sentia as mãos tão inertes quanto as suas pernas inutilizadas.

Os seus dedos não queriam curvar-se e custava-lhe muito mover os antebraços. Qualquer contato com as teclas causava-lhe, em simultâneo, uma dor e uma alegria profundas. Nunca antes se sentira tão forte e fraco ao mesmo tempo...

A performance valeu-lhe enormes e contínuos aplausos, os quais lhe chegavam através da fresta. Nos curtos momentos de pausa que lhe eram permitidos também conseguia ouvir vozes oriundas da fresta. Pediam-lhe, vigorosa e entusiasticamente, para prosseguir! Não queria acreditar. Mas desejava continuar! E continuou até adormecer vitimado pela exaustão, deitando a cabeça nas teclas. Já não conseguiu ouvir os efusivos aplausos, os “Hurra!” e os “Bis!” que continuavam a entrar torrencialmente pela fresta. Pela primeira vez desde há muito, nessa ocasião não sonhou nem teve pesadelos. Apenas dormiu em completa paz, totalmente obliúo de todos os seus problemas e transtornos.

**V. A fresta** – Não parecia existir uma palavra mágica que a conseguisse abrir mais, como desejaria. Parecia-lhe, no entanto, ter aumentado com a sua música. As vozes que provinham do outro lado incitavam-no, a cada segundo, a continuar, a não desistir. Melhor ainda: a julgar pelos conteúdos das conversas que lhe chegavam agora através dela, a sua música teria gerado um inexplicável efeito catártico e purificador para os habitantes do condomínio.

Maridos abandonaram a violência, mulheres deixaram cair as suas frustrações, casais LGBT reencontraram-se, idosos recuperaram a esperança, adolescentes sentiram-se compreendidos, crianças foram acolhidas e mimadas, profissionais adquiriram novos rumos e propósitos, cientistas gritaram “Eureka!”, pastores reencontraram a sua fé, babás tornaram-se competentes, escritores e filósofos produziram

belas obras literárias e filosóficas, empresários recuperaram os seus negócios, médicos renegaram o medo, e muito mais.

As incompreensões, os ódios, as invejas, os racismos e as xenofobias definharam e esfumaram-se. A amizade, a compaixão e a tolerância cresceram para níveis nunca antes vistos por aquelas paragens. As trevas recuaram e uma estranha luz inundou o prédio durante a noite; tanto que os transeuntes poderiam jurar ser de uma radiação impossível. Não parece haver nada melhor do que as tragédias para pacificar o espírito humano. E isso também é uma tragédia, pois deveríamos conseguir apaziguá-lo sem elas. Mas é assim que somos. Melhor assim do que de maneira nenhuma.

Teria a fresta propriedades mágicas? Poderia ela amplificar a felicidade ao canalizar a música? Seria o piano mágico? Seria a música? Seria o inusitado pianista? E como tornar inteligível o seu galopante definhar? Cansaço? Dor? Desespero? Verdade: quanto mais ele tocava mais queria tocar. A sua vida parecia depender disso. Mas, então, também ele próprio parecia ser um oxímoro, pois aquilo que lhe dava vida e gosto por ela estava, ao mesmo tempo, a matá-lo com uma rapidez invulgar.

**VI. O salvamento** – Quase três dias mais tarde, dois sapadores sujos de terra e pó, conversavam de testa franzida, visivelmente tristes, em frente ao que fora em tempos um prédio. Agora não passava de um monte de escombros. Podiam descortinar-se outros socorristas no entorno, bem como várias ambulâncias com as luzes rotativas piscando. Aguardavam passageiros, vítimas do terrível desmoronamento. Uma ou outra ainda vivia, mas a maioria já morrera. Mortos e vivos passavam em macas e cadeiras de rodas diante das pessoas que, por detrás da cintura de segurança montada pelas autoridades, presenciam

vam o cenário dantesco. Perto das ambulâncias estavam os tristes e abatidíssimos familiares e amigos de quem perdera a vida na tragédia ou sofrera com ela. Entre eles, uma família, uma mulher e duas crianças, de um famoso maestro que morrera soterrado. Estavam num estado lastimoso e inconsoláveis.

Um dos dois sapadores contava ao outro, desolado, que o reconhecido génio da música que ali morrera soterrado parecia ter enlouquecido antes de falecer. Sabia-se agora que ficara imobilizado da cintura para baixo, provavelmente devido a alguma pancada do concreto que lhe caíra em cima da cabeça e da coluna vertebral aquando do desmoronamento. Dizia-se que inventara e contara uma história de vida muito diferente da sua. As equipas de resgate tinham conseguido mantê-lo vivo e ouviam-no até onde isso fora humanamente possível. Comunicavam com ele através de uma exígua fresta nos escombros. Por ela entrava ar, alimentos e luz, bem como aplausos e incentivos. Por ela saía a tênue voz do maestro e a vibrante música do seu piano. Como ele conseguira tocá-lo num espaço tão exíguo era para todos um grande mistério. Mas conseguira. Eles haviam captado a dor e o sofrimento físicos que o acometeram em razão disso. Tocar incansavelmente, por horas a fio, dera-lhe ânimo para resistir, porém, também acelerara inevitavelmente a chegada da sua morte.

Enquanto o corpo inerte e despojado de vida do maestro era colocado na ambulância, os sapadores comentavam também um outro estranho fenómeno. Fora aparentemente a música daquele piano que alimentara a esperança de muitos outros habitantes do prédio apanhados pela tragédia. Dera-lhes força e encaminhara-os para a salvação.

O pianista na fresta conseguira afinal vencer o capricho dos deuses. Seria agora a sua vez de gozar com eles, ensaiando livremente a sua música num qualquer outro universo. FIM

# Pesadelo

## Carla Galvão Farias

Mestra em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes, no ICA (Instituto de Cultura e Arte) da UFC - Universidade Federal do Ceará. Possui graduação em Design de Moda pela mesma universidade (2011). Tem experiência como professora de Moda.

## PESADELO

“Virão três dias e três noites de escuridão total. Chamarão à porta da sua casa, mas não vá abrir, pois serão demônios disfarçados de parentes e amigos. Isso acontecerá após um sinal que surgirá no céu: um círculo vermelho cobrindo o sol. Quando virem esse sinal, fechem todas as portas e orem. Jamais olhem para fora.”

Essa era a mensagem que eu ouvia enquanto me balançava na rede. Era domingo de Páscoa, mas não havia celebração, nem ovos, por causa da pandemia do COVID-19. Minha mãe havia encaminhado esse áudio pelo *Whatsapp*. Era daquele tipo de mensagem que as pessoas saem replicando e depois ninguém sabe exatamente a sua origem e finalidade.

Aparentemente, tratava-se de um padre alertando as pessoas sobre a iminência do Apocalipse. A ideia de demônios chamando à porta me pareceu absurda, mas para confortar a minha mãe, que realmente acredita nessas coisas, prometi que compraria velas e as mandaria benzer, como forma de proteção.

Passei para a próxima conversa. Nela, um amigo com quem me comunico frequentemente contava que tinha acabado de conhecer pessoalmente uma cantora muito famosa, enquanto aguardava na fila do caixa, para pagar suas compras, no supermercado. Além disso, falou que eles já tinham se tornado tão próximos que ela o convidara para sua casa.

Senti um pouco de inveja, porque eu gosto muito daquela cantora. Mas depois pensei que ele devia estar mentindo, porque era uma história muito estranha. Como seria possível duas pessoas se

conhecerem na fila do supermercado e já saírem de lá como os melhores amigos?

No dia seguinte, enquanto eu tomava o café da manhã, ouvia distraída o noticiário, que passava na TV. Fiquei surpresa quando o apresentador do telejornal mencionou o nome da cantora que meu amigo havia conhecido no dia anterior, mas a princípio, não dei muita importância a essa coincidência e voltei a encher minha xícara de café.

Porém quando o jornalista disse que repórteres se dirigiam ao prédio onde morava a cantora para fazer uma transmissão ao vivo, senti curiosidade e comecei a assistir ao telejornal, atentamente. Eles exibiam imagens que haviam sido gravadas a noite passada, no apartamento, por câmeras de segurança.

O que se via era uma sala ampla, iluminada apenas por uma luz quente, de cor âmbar. A elegância dos móveis era notável e o piso de madeira brilhante se destacava sob aquela iluminação suave. As paredes eram claras e decoradas com obras de arte, que deviam vir de diversas partes do mundo.

Uma música tocava enquanto a cantora dançava sozinha, fazendo movimentos sensuais. Havia um homem no apartamento, em um quarto próximo da sala. De algum modo eu sabia que era o meu amigo. Ele não aparecia nas imagens da TV, mas o apresentador que narrava a cena, sabia da presença de um homem no apartamento e enfatizava esse fato.

Ela dançava energeticamente, parecia empolgada. De repente, deu um passo errado, que virou uma cambalhota, em direção à porta da frente, que se abriu fortemente e a fez cair rolando porta afora, capotando ao longo de uma enorme escadaria de madeira com vários lances. Aquela escadaria formava um vão retangular, que devia ser admirável, quando visto de cima, em frente ao apartamento.

Porém, o que as câmeras de segurança mostravam, naquele momento, era a imagem dramática da cantora morta na entrada do prédio. Fiquei horrorizada.

Ao amanhecer, meu amigo surge na sala, verifica que a porta está aberta, corre até lá e vê o corpo da cantora abaixo, no final da escada. Desce rapidamente os degraus e vai ao seu encontro. Chega e percebe no rosto dela uma expressão tão doce, que nem parecia ter sofrido. Inspeccionando o local, vê o crânio rachado, os pedaços da massa encefálica e o sangue espalhado, que exalava um forte cheiro de ferro e criava um ambiente pesado, contrastando com o semblante suave da cantora morta.

Ele decide voltar para o apartamento e minutos depois ressurge na entrada do prédio trazendo uma vassoura e uma pá, exatamente no momento em que também chegavam os policiais e a equipe jornalística, que o encontraram à porta. Agora as imagens eram transmitidas ao vivo. Os policiais começaram a interrogá-lo e meu amigo parecia muito tranquilo.

Eu não entendi qual era o objetivo dele, ao fazer isso. Um pensamento estúpido passou pela minha mente: “Será que ele estava querendo liberar a passagem para os outros moradores do prédio poderem usar as escadas? ”

Mas isso não fazia o menor sentido, porque havia uma mulher morta e essa deveria ser a menor das preocupações. Será que ele estava querendo encobrir algo que teria feito? Teria ele assassinado a cantora? Não, eu tinha visto o momento em que ela caíra e ele não estava lá. Ele não era culpado.

Eu também não conseguia entender como os repórteres tiveram acesso às imagens das câmeras de segurança do apartamento antes

mesmo da polícia chegar ao local e como haviam conseguido autorização para expor toda a investigação. Aquilo estava se transformando num *show* e mesmo que eu não gostasse muito de assistir à TV, naquele momento estava completamente envolvida. Havia até chamado a minha mãe para assistir comigo.

A perícia forense examinava o corpo da cantora. Era incrível o volume de massa encefálica que havia se espalhado pelo local. Ao verificar o rosto da cantora, perceberam tanta delicadeza, que chegaram a duvidar da causa de sua morte.

De repente, as câmeras focavam nos pedaços do cérebro, porque algo muito estranho chamava a atenção dos policiais. Eles perceberam que algo estava se movimentando ali. Alguma coisa viva. Focando mais perto dava para ver que eram cabeças. Pequenas cabeças coloridas surgiam dos pedaços do cérebro da cantora. Elas estavam crescendo e se tornando cada vez mais visíveis. Não se sabia, porém, se eram humanas.

“São demônios!” – Exclamei e imediatamente me lembrei da mensagem que minha mãe havia me enviado pelo *Whatsapp*. Finalmente comecei a acreditar nas palavras daquele padre. Comecei a me desesperar, pensando que devíamos alertar a todos para ficarem em casa e não abrirem as portas para ninguém, porque podiam ser demônios disfarçados. Pedi a minha mãe para conferir se portas e janelas estavam bem fechadas, pois o Apocalipse já havia começado.

Na TV, um dos policiais segurava uma das cabeças que saíra do cérebro da cantora. Ela tinha o tamanho de uma cabeça humana adulta, com pequenos chifres e cor vermelha. Estava viva, porém sem corpo.

O policial não tinha medo, apenas examinava, curioso, tentando entender o que significava aquilo. Ele então começou a assoprar para

dentro da boca da estranha cabeça, como se estivesse a inflar um balão, o que fez com que saísse dela um corpo, que parecia estar apenas esperando para ser inflado!

Em seguida, os corpos das outras cabeças foram se inflando também, eles eram numerosos. Pareciam com homens, mas não tinham os órgãos sexuais. A maioria deles possuía uma estrutura muscular bem definida. Eram atléticos, apesar de serem meio baixinhos. Alguns eram totalmente vermelhos, outros, azuis. Havia ainda outras cores, mas o medo invadia minha mente e não consegui enxergar, embora pudesse notar que alguns tinham uma barbicha.

Eles saíram do prédio e começaram a invadir as ruas. Um deles caminhava com uma muleta, pois só tinha uma perna. Movimentavam-se rapidamente, ansiosos. Aparentavam estar alegres e cheios de energia.

A polícia não podia contê-los. Os repórteres perderam o rumo da matéria e já não sabiam como proceder. Os demônios se levantaram e seguiram para diferentes direções. Eles não pareciam muito interessados naquelas pessoas, mas apenas em sair a caminhar livremente.

Nesse momento, um barulho começou a se apoderar da minha mente. Pensei que eles estavam por perto e aquele ruído era uma arma usada para atormentar a humanidade. Afinal, eles não deviam vir em paz, pois eram demônios. Constatei que era um barulho bem conhecido. Na verdade, era uma notificação do meu celular.

Acordei espantada. Reparei que tinha adormecido na rede. Levantei-me, olhei pela janela e vi que não havia demônios. A rua parecia estar tranquila. Senti um alívio quando percebi que tudo estava normal, exceto pela pandemia. Desliguei o celular, respirei profundamente e voltei a dormir.

# Por entre loas e batuques

## Wesley Lyeverton Correia Ribeiro

Graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Ceará. Possui Especialização em Informática em Saúde (2018) pela Universidade Federal de São Paulo. É Mestre (2013) e Doutor (2017) pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Estadual do Ceará. Atualmente é Médico Veterinário lotado no Departamento de Fisiologia e Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Ademais, é poeta e contista. Possui contos e poesias publicados em coletâneas nacionais. Premiados no X Prêmio Ideal Clube de Literatura (2007). Foi destaque no XIII Prêmio Ideal Clube de Literatura (2010) e no XVIII Prêmio Ideal Clube de Literatura (2016). Foi Premiados no I e II Concurso Cultural da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UECE. É Conselheiro suplente (linguagem: Literatura) do Conselho Estadual de Políticas Culturais da Secretaria de Cultural do Estado do Ceará (biênio 2020-2021).

## POR ENTRE LOAS E BATUQUES

*Ao Maracatu Vozes da África, por ocasião de seu 40º ano de fundação*

Lembro-me de todas as preparações, aflições e felicidades que se reuniam anualmente naquele barracão. Decerto, sempre fui uma figura muito querida por todos, por ser associada aos rituais africanos e à ancestralidade. Calunga é o meu nome e sou considerada um elemento sagrado dos maracatus. Esse reconhecimento tem me dado uma sensação de grande satisfação, talvez um certo orgulho, embora sabendo que a maior parte do ano eu seria deixada no pequeno altar improvisado em algum canto discreto. Mas eu não nunca fui disposta de qualquer forma, ao contrário, sempre tenho sido posta muito bem arrumada, com um turbante bem assentado na cabeça, um vestido de brocado branco, muito farto e avolumado. Ademais, levo no peito guias de toda espécie e cores e, ainda, um par de brincos colocado de modo a combinar com as minhas vestimentas. Mas, no ambiente que me circunda, muito além das roupas e acessórios, o que mais me agrada, de fato, são os mimos com os quais um ou outro me presenteia durante as raras visitas dos tempos de silêncio.

O barracão do maracatu é minha morada, um espaço amplo e com cumeeira bastante alta, casa de tantas fantasias, plumas, instrumentos musicais, carros alegóricos e toda infinidade de alegria. Durante os meses que antecedem os desfiles tudo é festa, movimento e invenção. Nos outros tempos, há silêncio e as cores parecem perder

vida, empoeiram-se, mas cá estou sempre como testemunha do tempo e das mudanças, mesmo que cíclicas.

O ano exato eu já não me recordo, mas o mês era janeiro, pois já conseguia ouvir o som das chuvas e sentir alguns pingos que se desviavam pelas frestas do telhado e me atingiam de súbito. Depois de quase um ano de poucas visitas, quase esquecimento, já percebia que a frequência das pessoas aumentava. Quase todos os rostos eram os mesmos do passado, mas havia um ou outro curioso trazido pelos veteranos que queria experimentar o desfile do maracatu. Finalmente a esperada época do carnaval se aproximava, tudo tomaria formas e cores novamente.

A força e o poder dos tambores e ferros já estavam prestes a serem ouvidos. A loa estava sendo planejada, letra e arranjo, mas eu sabia que talvez esta fosse a tarefa mais difícil. Paciência! A musicalidade tipicamente em ritmo arrastado sempre foi a toda-poderosa em carregar o maracatu na avenida, ditando os movimentos e as paixões. Isso, de fato, me tocava o coração. A cada batida dos instrumentos ou estrofe entoada era como se eu revivesse a história de meus antepassados.

Era necessário um pouco mais de paciência, estávamos quase lá para que fossem iniciados os ensaios após o retorno de todos ou, pelo menos, de alguns. É certo que muitos já não mais apareceriam pelas mais diversas causas. Ora, naquele barracão eu já havia visto muitas gerações que nasceram e morreram sem respeitar os limites do tempo. Pessoas que viviam o maracatu por anos e, sem explicações, desapareciam subitamente. Nunca entendi! Conheci dezenas de balizas, porta-estandartes, índios e nativos africanos, negras e baianas, negras da calunga, negras do incenso, balaieiros, casais de pretos velhos, pajens, tiradores de loa e membros das majestosas cortes com seus príncipes,

princesas, reis e rainhas. Foram muitas pessoas, gente humilde, trabalhadores e trabalhadoras que sempre viram no maracatu expressão maior da cultura popular de nossa terra.

Na semana seguinte, as máquinas de costura já chegaram e junto com elas as costureiras que faziam verdadeiras obras-primas. Os batuqueiros também vieram e demorar-se-iam em longos ensaios que entrariam pela madrugada. Sorte que o batuque não incomodava ninguém, não tínhamos vizinhos, mas, no lugar de casas, tinham apenas grandes armazéns nos quais não avizinhavam pessoa alguma naqueles horários, exceto os brincantes do maracatu.

O tempo passara, as costureiras já traçavam as últimas linhas de fios nos tecidos. Todas as saias das baianas com seus fartos detalhes já estavam prontas. Penachos dos índios, cesto de frutas para o balaieiro, estamparia africana, fantasias de orixás, vestidos cintilados para a corte real e, finalmente, minha indumentária, tal qual da minha condutora, já eram realidade. Novos ares, renascimento!

No dia que antecedia o desfile, sempre era momento de muita apreensão, tempo de conferir tudo e reparar os detalhes. Certamente seriam os últimos cortes e acertos nas fantasias. Chegara o momento de preparar o transporte de todo o maracatu para o local do desfile.

Negrume no rosto.

Água de cheiro dentro das moringas para lavar o que tinha que ser lavado.

Incensos a arder em brasa.

O Baliza e sua vareta.

Estandarte majestosamente erguido.

Batuque em seus primeiros acordes acompanhados pelos puxadores de loa.

Negros africanos e suas armaduras.  
Índios com seus penachos.  
Balaio de frutas equilibrado na cabeça.  
Casais de pretos velhos de mãos dadas.  
Orixás e seus símbolos.  
Baianas a rodopiarem em sincronia.  
Rainha coroada.

Eu já estava devidamente acomodada na mão de minha condutora enquanto os portões eram abertos. Adentrei na avenida, segui no rumo da apoteose e já não via mais ninguém, apenas ouvia palmas em sons longínquos. Havia apenas uma emoção que me consumia e, como em todos os anos, mais uma vez eu saía de mim, mesmo que por uma hora daquele demorado ano.

\*\*\*

**Sem wixia**

**Carlos Daniel Andrade  
da Silva**

Possui graduação em Letras e mestrado em Filosofia, ambos os cursos na UFC. É Revisor de textos desde 2012. Tem interesse em idiomas e ciências cognitivas.

## SEM WIXIA

**Cena I.** Canindé, Ceará. 6h56min. Silêncio significativo no quarto.

Sim-One acordou ofegante. Certas passagens do sonho estão bem nítidas. Ela não abre os olhos e se concentra nos fiapos de imagem. Imóvel. Passa enfim as mãos no pé direito, como a verificar qualquer coisa. Cada vez menos cega do filme que ainda não foi arquivado. Lembra-se de uma turbina de avião. E de uma atmosfera irrespirável. Cada vez mais ciente do entrelaçar-se involuntário e pouco firme de fragmentos de informação onírica, colando-se uns nos outros à medida que os olhos fechados de Sim-One seguiam os da sua versão sonhada. Os circuitos neurais previamente estimulados em vigília foram reativados no sono e no sonho. Enquanto isso, a melatonina propiciava o melhor ambiente para acolher a reorganização útil de informações. O critério dessa utilidade, muitas vezes, é subconsciente: derivado da interação entre estruturas informacionais de energia, não disponíveis pelo menos no momento para a atenção e para o comportamento voluntário da jovem. As estruturas de energia se ativam com frequência acompanhando o ritmo de outras redes. A respiração ainda não se estabilizou.

Ofegante, Sim-One não detecta informações confiáveis sobre o possível êxito de certas vivências arriscadas; a simulação do fracasso já invade a sua mente, mal desperta. Pontada no coração. O seu amado, se as vivências dele se aproximarem das que ela simulou sem querer, será o terceiro brasileiro assassinado simplesmente por insistir

em ver o território onde nasceu como um lar compartilhado e não uma fazenda exótica a ter todos os recursos arrancados em poucos e curtos ciclos não renováveis. S.H., em uma das linhas temporais possíveis, será nomeado candidato a algum Nobel ligado indiretamente à neurociência cognitiva. Com isso, ganha automaticamente a certeza da aniquilação iminente.

**Cena 2.** Sobral, Ceará. 9h05min. Som suave de *dubstep*.

Sim-One acordou sorrindo, com a porta do quarto a abrir-se.

S. H.: “Acabou o sono prolongado. Hora de se alimentar gostoso. Olha o cheirinho bom!”

SIM-ONE: “Hum, ‘tava sonhando com essa xícara. Mais cheia ainda.”

S. H.: “Gulosinha.”

Café da manhã a dois na cama. Silêncio.

SIM-ONE: “Amor, então é hoje mesmo?”

S. H.: “Sim.”

**Cena 3.** Porto, Península Ibérica. 14h

A televisão está ligada, na churrascaria brasileira. Se alguém prestasse atenção, escutaria não as canções mais populares de 2023 – sobre casais se enganando de forma previsível no *day-trade* da mediocridade afetiva e social, berrando de caixinhas de som –, mas escutaria algo como o seguinte. Lembro quase cada palavra de cor, de tanto que já ouvi.

Depois de dois brasileiros misteriosamente mortos na semana em que se noticiou sua premiação em Estocolmo, o célebre nome do jornalista-cientista ianomâmi raramente aparece na mídia nacional. O seu deslocamento, faz três anos, também está restrito ao percurso aéreo semestral desde o Instituto do Cérebro, em Natal, até a Reserva de Pessoas Nativas do Brasil Pré-Cabral, em Porto Seguro, e vice-versa. Fora isso, evita sair mais de uma vez por quinzena mesmo para se

abastecer no comércio local. A única visita que recebe: a namorada, que passa de três a cinco dias com ele numa semana e os demais com o filho quase adulto.

Mesmo nessas condições, S.H., com novo corte e coloração de cabelo, lentes de contato, novas roupas, hábitos e endereço, não para de usar o seu recente anonimato local para articular pessoas ainda com fôlego para driblar a perseguição sistemática a qualquer ação destinada a impedir uma coisa: que a desertificação da antiga floresta tropical chegue rapidamente ao Ceará, à Bahia, a Minas Gerais e a São Paulo. Tudo a oeste dessa linha é quase totalmente desabitado, fora ocasionais militares e acadêmicos dos EUA, da China e dos Emirados Árabes, sempre muito bem equipados e protegidos.

O fôlego de alguns, o de S.H. incluído, ainda dá conta de outras ações planejadas como concluir, clandestinamente, um sistema eletrônico de simulação estratégica da consciência humana. Baseia-se em uma teoria brasileira sobre o armazenamento descontínuo e probabilístico de padrões de distribuição de cargas elétricas, em redes de sinapses com graus variados de corticalização, integração e expressão gênica. O sistema permite fazer experimentos precisos e confiáveis de reconfiguração quer de crenças, quer de padrões comportamentais ou de padrões de interpretação e estruturação de estímulos. Trata-se de uma máquina de análise e processamento de vivências humanas reais e possíveis.

No Brasil, não se fala mais em público sobre a teoria e a tecnologia desde que Moura Pataxó descobriu a cooperação de pesquisadores que continuam apontando o caráter psicoterapêutico de sessões controladas de consumo da ayahuasca. Moura Pataxó é sempre ovacionado quando fala em seu tom enfático: “o meu pai era índio, a minha mãe era índia,

nunca a gente teve o vil descaramento de beber droga imunda dizendo que isso era religião e cura! Esses bandidos... (monstruosos!) vão pagar com juros por tentarem mais uma vez destruir a nossa nação!”

A televisão está ligada, na churrascaria luso-brasileira. Como ninguém presta atenção, o mundo sonoro são as canções mais populares dos anos 2020, sobre casais se enganando de forma previsível no day-trade da mediocridade afetiva e social, berrando de caixinhas de som instaladas em alguns cantos do restaurante quase estrangeiro. S.H. não sabe dessa reportagem. Acreditou que todos os parceiros reconheciam a importância do silêncio midiático absoluto, inclusive fora do Brasil. Ora, o canal português tem conteúdos replicados em um canal Google.

**Cena 4.** Campo Grande, Deserto Central. Céu cinzento. Ar tóxico.

O pequeno avião Embraer jaz espatifado em 5 pedaços em um raio de 300 metros, em área da antiga capital de Mato Grosso do Sul. Bombeiros com dezenas de máscaras de oxigênio, os reservatórios cheios, saíram há pouco da cidade em funcionamento mais próxima do local, Ribeirão Preto. Perto da turbina esquerda, um pé feminino sem o corpo nem o sapato.

Na capital federal, junto à lagoa Rodrigo de Freitas, há um telão exibindo a cobertura jornalística do incidente com a aeronave, cujo voo não foi informado nos painéis do aeroporto de saída ou chegada. Ao surgir no telão o rosto de Moura Pataxó, a maioria das pessoas exultam, levantando copos, cachorros, chaves de SUV e bebês. Os pedalinhos param na lagoa carioca. Até o som do forró-nejo interrompe o seu trabalho de controle social. O Brasil para e preenche quase feliz o seu vazio existencial com a existência quase vazia de um líder performático cujos pais, segundo ele, eram cristãos de respeito apesar de sangue selvagem.

**CRÔNICAS**

# Aleatoriedades laborais

## Roberta da Rocha Braga

Médica Veterinária (UECE, 2008) com ampla formação e interesse em Patologia Veterinária e Diagnóstico. Possui experiência em manejo de animais silvestres, com ênfase em herpetofauna. Tem Interesse e experiência profissional anterior em música, artes, fotografia, artes plásticas e design.

## ALEATORIEDADES LABORAIS

Nosso grupo tem uma rotina de trabalho que costumamos definir como “aleatória”. Oficialmente, nossa função na Universidade compreende pesquisa, extensão e apoio ao ensino, mas, na prática, definitivamente não se limita a isso. Por estarmos sempre envolvidos com projetos de estudos sobre serpentes e outros animais silvestres, viramos uma espécie de referência no manejo desses bichos no campus, independentemente de causa, origem, razão e circunstância.

Então resolvemos trazer uma coletânea de inusitadas histórias da nossa rotina, que às vezes surpreendem até as mentes mais abertas da nossa comunidade acadêmica.

\*\*\*

Eu, pessoa que será a narradora das crônicas do NUROF, sou denominada a médica veterinária. Tal como ouvi falar na graduação, o senso comum acredita fortemente que nós, médicos veterinários, somos detentores do conhecimento sobre a vida e a morte de todas as espécies animais, desde insetos até ursos polares, passando pelos grandes morcegos das profundas cavernas da caatinga sergipana. Os colegas biólogos também compartilham desse carma, tendo que frequentemente responder a perguntas que incluem desde espécies de plantas até filogenia de bactérias. Por conta dessa crença universal é que, apesar de eu ter sido contratada para cuidar das serpentes do NUROF, todo tipo de bicho é trazido à porta do laboratório, para que eu dê jeito ou dê cabo, mas dê alguma atenção.



Desde o início da minha jornada na UFC, os soins (também conhecidos como saguis ou micos) sempre eram trazidos à nossa porta. Apáticos, machucados ou fraturados, mesmo que não tivéssemos remédio para receitar, eles passavam um tempinho sendo observados, para sabermos se poderiam ser devolvidos em segurança para a mata do Campus do Pici. Nem sempre era alcançado sucesso no “tratamento”, mas, quando conseguíamos, éramos considerados tão milagreiros quanto padre Cícero ou irmã Dulce.

Certa vez, uma fêmea de soim nos chegou muito sonolenta e fraca. Mesmo depois do exame físico, não conseguimos saber exatamente o que a acometia. Depois de dois turnos de observação, hidratação e tentativas de alimentá-la, resolvemos aguardar uma noite e voltar a vê-la no dia seguinte. Mas ela continuou na mesma e até piorou dos reflexos. Então, como não tínhamos meios de aperfeiçoar o tratamento, optamos pela eutanásia. Solenes e decepcionados, começamos os preparativos. Ao aplicarmos a tranquilização, a pequena fechou os olhinhos e ficou imóvel por alguns instantes. Tínhamos que esperar aprofundar-se o efeito para prosseguirmos com a overdose de anestésico geral na veia. De repente, ela se remexeu dentro do balde onde descansava, abriu os olhos, pulou para fora e sumiu, escalando rapidamente uma árvore nos fundos do NUROF. Entreolhamo-nos perplexos. No fundo do balde, uma manchinha de sangue e uma pelanca, que mais tarde identificamos no exame microscópico como restos de placenta. Isso justificou o mal que ela parecia estar sentindo, e, embora a tranquilização química fosse o prelúdio para o ato final, funcionou com um “abortivo” daquele tecido inflamado que a estava incomodando. Ainda chegamos a vê-la, dias depois, movendo-se alegremente pelos galhos de árvores próximas ao NUROF.

Após esse episódio, a “cura” milagrosa e inesperada ocorreu algumas outras vezes: animais moribundos e molengas se recuperaram por encanto, após decidirmos realizar a eutanásia.

\*~\*~\*

Resgate de cobra dentro dos prédios do Pici virou nossa especialidade: na Biblioteca, na Prefeitura, nos caibros do Almojarifado Central, na Prograd... Nas cumeeiras do Aviário da Zootecnia (escaladas habilmente por nossa bióloga), na Pró-Reitoria de Pesquisa, no Horto, na Bioquímica. Mas o episódio mais emblemático foi um ocorrido na Embrapa: “uma cobra gigante está aqui em frente ao estacionamento, por favor venham [...] Já chamamos os Bombeiros e eles não chegaram”. A equipe se deslocou até a Embrapa e, lá chegando, se deparou com uma jiboia de uns 2,5m no alto de uma árvore, distante pelo menos sete metros do chão. O pessoal do NUROF explicou que não tinha meios de subir para retirá-la e argumentou que não havia necessidade de tal procedimento, pois a serpente estava quieta em seu *habitat* e distante do público. Todavia os argumentos não convenceram a reclamante, que queria que a serpente fosse retirada de qualquer maneira. Não adiantou nenhum argumento nem técnica de educação ambiental. Os Bombeiros logo chegaram e se organizaram para livrar todos da “visitante inoportuna”. Um deles (certamente o de menor patente) escalou a árvore e se preparou para serrar o galho no qual descansava a jiboia. Nossa bióloga advertiu outro bombeiro de que tomasse cuidado para não machucar o animal. Este rebateu ríspido que devíamos nos preocupar era com a segurança dos bombeiros; além do mais, “aquele bicho não quebraria nada, aquilo era um invertebrado”. Ligeiramente em choque, os membros do NUROF trataram de corrigir aquela informação, que claramente foi ministrada na escola

num infeliz dia em que o afirmante faltara à aula. A árvore foi serrada e a serpente despencou com galho e tudo. Um alvoroço começou enquanto bombeiros e biólogos tentavam resgatar a cobra. Apesar do desejo de alguns expectadores de levar a serpente para “criar em casa” ou dar-lhe outro destino tanto quanto ilícito, nossa bióloga a conteve e comunicou a todos os presentes que ela seria devolvida à mata do Pici, após uma minuciosa avaliação médica. Com o exame clínico, confirmamos se tratar mesmo de um vertebrado (embora o abespinhado bombeiro dissesse o contrário) e, por sorte, com todas as vértebras preservadas.

\*~\*~\*

Falando em invertebrados, ressalto que esses seres também têm direito a cuidados médicos.

Um dia, bateu à nossa porta um rapaz com uma aranha caranguejeira dentro de um pote plástico apertado, com a tampa cheia de furos. Pediu que por favor consultássemos seu animal, que estava imóvel havia uns poucos dias. A bióloga me chamou para compormos a junta médica e, ao abrirmos o frasco, observamos hesitantes a carcaça seca da aranha morta. Por um breve momento preocupou-me como daria a notícia ao tutor da aranha; no momento seguinte, percebi que ele estava na segunda fase do luto de Kübler-Ross, que compreendia a negação do fato. Enquanto tive toda essa elaboração (nuns 5 segundos talvez), nossa bióloga foi categórica no diagnóstico:

– Não, amigo. Essa aranha está morta, não há mais nada que se possa fazer.

O jovem, atônito, pareceu não acreditar. Nada melhor que encarar cruamente a morte para fazer amadurecer um jovem ser humano...

Ainda sobre invertebrados, numa manhã qualquer de expediente, um senhor humilde bateu à nossa porta com um pote de vidro

cheio de escorpiões amarelos ordinários, desses que encontramos sob lixo e entulhos. Perguntou quanto era para a gente receber cada escorpião. Respondi que, se ele quisesse, poderia nos pagar R\$10 por cada um. Ele saiu resmungando com raiva. Notadamente não gostou do preço de venda.

\*~\*~\*

Um dos projetos que desenvolvemos no último ano foi o monitoramento de animais atropelados. Basicamente, estudantes se revezavam circulando de bicicleta dentro do Campus do Pici, registrando as espécies, a quantidade e o local onde eram encontrados.

No início do projeto, houve problemas para encontrar os animais pequenos nas vias, porque os zeladores ou jardineiros os recolhiam junto com folhas e lixo. Após conversas e explicações sobre o objetivo e a necessidade daquela pesquisa, os trabalhadores entenderam nosso propósito e passaram a indicar onde estavam os animais, sem retirá-los dos pontos de atropelamento antes que fossem contabilizados.

Antes que todos tomassem conhecimento do projeto, o que aconteceu com alguma divulgação interna e uma matéria para televisão, muita gente estranhava aquele rapaz que andava de bicicleta atento, com sua indumentária cáqui e chapéu de proteção solar camuflado. O pobre estudante de Biologia chegou a ser interrogado por um segurança do campus, que alegou ter recebido uma denúncia de um possível “unabomber mirim”, infiltrado das facções criminosas, que rondava o Pici de bicicleta, implantando bombas em lugares estratégicos.

Como contávamos e examinávamos os animais encontrados mortos, espalhou-se a notícia de que tínhamos interesse nisso.

Certa vez, um dos cães errantes do campus foi a óbito, e a carcaça ficou dias dentro de uma valeta de água da chuva, entre o NUROF e

o DID. Como o tempo passasse e as alterações cadavéricas evoluíssem para a putrefação sumária, com todas as moscas se agregando no local, buscamos os serviços urbanos da Prefeitura do Campus para que procedessem com o recolhimento da carcaça. Curiosamente, após consultarmos alguns departamentos, recebemos a informação de que não existia serviço especializado em recolhimento e descarte de animais mortos na UFC. Naturalmente, pela insalubridade associada, a empresa de gestão de zeladoria também não autorizou nenhum de seus funcionários a realizar o serviço. Como tantas outras situações em que precisamos agir com proatividade (como se diz por aí: “não tem tu, vai tu mesmo, ou talvez ninguém vá”), fomos nós que resolvemos. Uma equipe de jovens mártires vestiu suas armaduras (no caso da nossa bióloga, seu quimono de jiu-jitsu, luvas de borracha e máscara facial) e pôs as mãos na massa, literalmente. Enquanto ela se esgueirava pela valeta para retirar o cão inchado e cheio de moscas, os outros voluntários cavavam um enorme buraco para enterrá-lo. Essa peripécia atraiu muitos espectadores, alguns enojados, outros apenas curiosos. Enfim, os despojos foram depositados no jazigo improvisado, reduzindo o fedor e o mal-estar nos dias subsequentes.

Algumas semanas mais tarde, eis que toca o telefone do laboratório. Do outro lado da linha, alguém solicitando o recolhimento de um gato morto, que estava desequilibrando a harmonia local no bloco da Geologia. Mesmo explicando que aquilo não era nossa atribuição, a pessoa insistiu e disse que tinha nos visto enterrando um cão na Biologia, pedindo que fôssemos lá resolver. Mas no final sugerimos que ela se inspirasse em nossa atitude e fizesse o mesmo.

\*~\*~\*

Como todo prédio antigo que se preze, o NUROF tem suas peculiaridades e lendas. Nos meses do segundo semestre, ouve-se enorme trepidação e pancadas no telhado, correspondentes às telhas acrílicas com extremidades soltas agitadas pelo vento. Estalos e ruídos incomuns vêm do forro e sempre são justificados como produzidos pelas famílias de cassacos (também conhecidos como gambás ou sa-ruês) que lá habitam.

Porém, havia quem dissesse que à noite alguns desencarnados vi-nham visitar o prédio. Alguns dos frequentadores juram ter visto uma mão que tentou tocar os cabelos de uma aluna, cadeiras se movendo sozinhas na sala principal e barulhos de portas se abrindo, mas sem ninguém por perto.

Certa noite, um dos alunos, que ficara estudando até mais tarde, ouviu um barulho arrastado no corredor principal. Preocupado, abriu a porta da sala principal e esticou o pescoço para fora. Paralisado, viu uma lixeira movendo-se sozinha, devagar e compassadamente, ao longo do corredor. Por alguns segundos empalideceu mais (pois já é de tez descorada) e não conseguiu mover-se; mas, logo em seguida, pôde ver aquele animal “carapacento” e lerdo empurrando a lixeira. Era Jabulani, uma das fêmeas de jabuti do plantel, que havia ficado solta nas áreas comuns do bloco.

Por um curto período, acreditou-se que Jabulani era responsável por toda a “pseudotelecinésia” de objetos inanimados no laboratório.

No entanto, uma figura foi percebida pelos mais sensitivos, ficando conhecida como “homem do jaleco branco”. Não teve muitas testemunhas, apenas um aluno e um zelador, nem muito crédito, pois a maioria dos usuários do prédio era de ateus e incrédulos cientistas. Eu pessoalmente não testemunhei, não obstante a figura tenha

sido flagrada na minha bancada de trabalho. Entretanto, como boa espírita que sou, mandei as melhores vibrações para ele e até me ofereci para ajudá-lo no trabalho que ele estava empreendendo... Mas parece que ele não queria compartilhar seu bônus científico, ou talvez tenha decidido me passar o cetro do seu reinado, pois, depois da nossa conversa mental, nenhuma das testemunhas voltou a vê-lo novamente por lá.

\*~\*~\*

Esses são apenas alguns dos vários episódios do nosso cotidiano aleatório. Temos muito mais para compartilhar, mas, por hora, preferimos fazer isso pessoalmente, uma vez que nem todas as histórias são politicamente corretas o suficiente para serem registradas por escrito. Certamente no próximo concurso, teremos novas histórias para atualizarmos essas crônicas.

## Nara Raquel Fonteles Rios

Enfermeira especialista em Terapia Intensiva. É servidora do Departamento de Clínica Odontológica da Universidade Federal do Ceará com atuação na área de Esterilização de produtos para a saúde. Mestranda do Programa de Pós graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior (POLEDUC) da UFC. Possui experiência nas áreas hospitalar e de ensino em saúde. Possui como interesses pessoais a leitura e a escrita, principalmente literatura nacional e regional, tendo como autores favoritos o romancista Jorge Amado, o cronista Rubem Braga e o contista cearense Moreira Campos.

## JORNADA

– É verde aqui, mamãe.

O pequeno João Pedro, de três anos, olhava pela grande janela do ônibus para a mata de carnaúbas que se estendia pela beira da estrada.

Socorro segurava o menino no colo, tomando cuidado para não atrapalhar a moça que estava sentada na poltrona ao lado. A moça parecia muito entretida no celular, mas lançava olhares de desagrado todas as vezes que o menino se mexia demais no colo da mãe. Socorro ajeitou o menino em seu colo, recostou-se na cadeira e passou a observar com mais cuidado a paisagem que a criança apontava.

Sim, era verde. Muito verde.

Estavam em meados de abril e as chuvas finalmente foram boas aquele ano, segundo sua mãe lhe contara por telefone. A velha senhora sempre repetia que os invernos eram menores a cada ano e que os invernos grandes de antigamente não existiam mais.

– Nunca mais teve uma cheia como a de setenta e quatro.

Socorro ouvia a voz de sua mãe em sua cabeça e pensou que talvez a velha senhora tivesse razão. As últimas cheias que ela vira por ali foram lá por dois mil e oito, e viu pela internet, porque nessa época já estava longe. Nunca mais ouviram-se histórias de que o Araras podia romper e alagar toda a região, histórias que, assim como as histórias de visagem, deixavam-na sem dormir na infância.

Enquanto o ônibus avançava pelo interior, ela continuou a olhar a paisagem junto com o filho. O menino parecia ter herdado seu velho

hábito e parecia muito entretido com as paisagens das cidadezinhas que estavam pelo caminho.

João Pedro agora estava confortável em seu colo, pois, apesar de apertado, o ônibus tinha ar-condicionado e uma poltrona reclinável, pequenos luxos impensáveis quando Socorro tinha a idade de seu filho. Sua memória estava coalhada de imagens das viagens anuais de ônibus para Canindé ou para a bica do Ipu. O ônibus de suas memórias era uma mistura de poltronas de metal lascado, chacoalhado barulhento e calor.

Ah, o calor!

Por incrível que fosse, o calor era uma das coisas de que ela mais sentia falta. Sentia falta da temperatura constante de quentura, mormaço e sol o ano todo. E Socorro conseguia distinguir as tonalidades do sol em cada época do ano. E seu sol favorito era o de dezembro. Havia algo diferente no sol da tarde de dezembro. Tinha um tom laranja diferente, quase avermelhado. Aquele sol era especial, era o prenúncio do final do ano. Na televisão o natal era a neve, na infância de Socorro, o natal era um sol avermelhado.

O ônibus parou com um solavanco suave.

– Vinte minutos pro almoço – o motorista gritou lá da frente, e as pessoas começaram a se mexer. A moça ao lado de Socorro guardou o celular e se levantou muito rápido, provavelmente preocupada com a fila para o banheiro.

Socorro ajudou João Pedro a saltar os dois degraus do ônibus, e o vento quente, velho conhecido, bateu em seu rosto e esquentou sua pele, contraste agradável com o interior frio do ônibus.

Caminharam pelo chão de terra batida para o restaurante à beira da CE. Socorro segurou o filho pela mão, com receio de que ele escapulisse para a estrada movimentada. Um forró antigo tocava em um

rádio de uma caminhonete que estava estacionada próximo à entrada do restaurante.

Entraram no lugar amplo e ventilado. Havia muitas mesas de madeira e as prateleiras ao lado do caixa estavam apinhadas de rapadura, molho de pimenta caseiro e potes de doce. Entre eles havia um doce de caju particularmente bonito, cujo gosto Socorro conseguiu sentir apenas ao olhar.

Após usarem o banheiro, ela serviu seu prato e o de João Pedro. O menino olhou indeciso para a paçoca de carne do sol e para o baião de dois. Mas repetiu o gesto da mãe e, após a primeira colherada, já se sujava todo de farinha e comia com vontade. Socorro ainda comeu um pratinho de cuscuz com café ao final da refeição, esquecida completamente da dieta que começara na segunda-feira.

Quando o motorista assoviou chamando todos de volta ao ônibus, João Pedro subiu ainda terminando de comer o “tijolim” que sua mãe lhe dera. Socorro o levava por uma mão e tinha o pote de doce de caju bem seguro na outra.

Alguns quilômetros mais tarde, João Pedro cochilava no colo da mãe e o tempo ficou bonito. Não demorou muito para que gotas grossas fustigassem as paredes do ônibus, e Socorro não precisava estar lá fora para sentir o cheiro daquela chuva.

Uma certa melancolia passou a preencher a jovem mãe. Toda vez que voltava, as coisas pareciam diferentes. Os mercados e bodegas desapareciam, as pessoas pareciam sempre mais velhas, e ela se sentia sempre um pouco mais distante de quem um dia fora.

Mas algumas coisas sempre pareciam as mesmas. Os cemitérios, as igrejas e as prefeituras nunca pareciam mudar. E por cada uma das cidades que passavam, cidades de que ela conhecia bem os nomes e a

sequência geográfica, Socorro via aqui e ali, um resquício do passado. Um orelhão azul, o nome de um velho candidato cuja pintura ainda estava lascada em um muro qualquer de uma fábrica abandonada, um velho banco de pedra cujas inscrições gravadas homenageavam alguém morto há muito tempo ou uma antiga ponte que ladeava a nova ponte asfaltada da CE.

E havia também as cruzes na beira da estrada. Era hábito de Socorro se benzer ao passar por elas. Agora que chegavam mais perto, ela já conhecia muitas das histórias daquelas cruzes, algumas estavam lá havia mais tempo do que ela tinha vida. Socorro sempre tivera muita compaixão por aquelas almas que ficaram pelo meio do caminho.

Depois de mais um solavanco causado por algum buraco, João Pedro se mexeu em seus braços. Buracos na estrada eram uma constante que nunca mudava, assim como os políticos que os causavam. Em alguns lugares, o asfalto ainda lembrava as rodagens de antigamente. Os carros é que pareciam mais quebradiços, não eram nem de longe tão resistentes quanto as rurais e as caminhonetes D20 em que Socorro andara por tantas vezes.

João Pedro agora estava desperto novamente e voltara a olhar pela janela. A chuva ficara para trás e o sol voltara já avançando para desaparecer no horizonte. Os cajueiros agora tomavam conta da paisagem, eram mais eficientes do que placas para lhe dizer onde estavam.

O telefone já tocara e Socorro avisara por mensagem que estavam perto. Na infância de Socorro não havia luz elétrica ali, agora havia torres de celular e internet, e isso sempre a assombrava um pouco.

O ônibus enfim fazia a última curva para longe da CE principal. Agora estavam onde tudo era feito de lembranças. Cada poste, planta e fachada tinha uma história a sussurrar nos ouvidos de Socorro.

Quando adentraram a ainda pequena cidade, as mudanças eram visíveis e o mundo exterior mostrava ter chegado até ali. As fachadas das lojas e os *outdoors* denunciavam isso, e Socorro sentiu um aperto em seu peito.

Mas isso mudou em um instante. Quando ela desceu os dois degraus do ônibus e seus velhos pais de cabelos brancos abraçaram o pequeno João Pedro, Socorro entendeu tudo o que a estrada vinha lhe dizendo até ali.

Ela estava em casa.

# Passageira

## Camila Izidorio de Sousa

Servidora técnico-administrativa da Universidade Federal do Ceará desde 2012, com lotação na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas. Nesta mesma instituição obteve sua Licenciatura em Letras, em 2008, e atuou, durante alguns anos, como professora de português, espanhol e literatura em escolas de Ensino Médio e Fundamental. Atualmente também se dedica a realizar traduções e se atreve, de vez em quando, a escrever crônicas, contos e poesias para compartilhar com familiares e amigos.

## PASSAGEIRA

O ônibus estava lotado como sempre, o que fazia com que a temperatura daquela cidade naturalmente quente, subisse uns três graus ali dentro. Os rostos tinham as expressões de costume, pessoas cansadas da longa jornada de trabalho, estudos ou as duas coisas. Um recorte individual daquelas feições levaria a crer que parte daquela massa humana parecia olhar para uma parede vazia, não expressava alegria nem tristeza. Simplesmente estava. Vidas que se repetiam, no passo mecânico dos dias e semanas. Também se ouvia o murmurinho de algumas conversas. Desabafos distraídos de toda sorte de problemas e a audácia de um ou outro sonho. Sonhos cansados, como resíduos de alguma esperança. O motorista era o único que parecia estar especialmente atento a alguma coisa. Talvez aquela fosse a sua última rodada da noite. Tinha pressa. E encontrava muitos carros obstaculizando seu caminho. As freadas bruscas faziam com que alguns pares de olhos se arregalassem, mas lentamente voltavam ao seu estado natural, a olhar para o nada e talvez a pensar no que teriam para jantar. Carolina observava.

Embora fosse terrivelmente incômodo ir de pé depois de haver passado horas em igual postura na cozinha do restaurante, Carolina via ali um interessante ambiente para suas introspecções. Ainda não tinha a aparência necessária para inspirar a compaixão de alguém que fizesse a gentileza de ceder o assento para um breve repouso dos seus ossos cansados. Então ela aguentava. Os braços em volta da bolsa puída. As mãos já marcadas pelos anos seguravam firmemente as sujas barras de

metal do transporte. O pensamento estava aqui e ali. Um grupinho de quatro amigos que se espremia em um banco para duas pessoas lhe deu a ocasião e o estímulo necessário para começar seus devaneios. Estavam uniformizados. Estudantes. Imaginou o que o futuro teria reservado para eles. Não pôde deixar de pensar no filho. Uma pontada no peito. A foto do ABC ainda estava guardada em algum lugar da carteira. Sempre gostou daquela. Lá ele sorria, era feliz. No compasso lento de uma bicicleta enferrujada de quarta ou quinta mão, o seu menino foi levado pela velocidade de um carro de luxo. Choro. Revolta. Fiança. Sinto muito, senhora.

A cozinheira se esforça para retomar sua linha de raciocínio, deveria focar nos outros, não na sua própria história. Sinal vermelho. Freio. A janela emoldura uma paisagem escura lá fora. Diante de uma fachada do que parecia ser uma loja de tecidos, um casal está fusionado em um único ser. Há sofreguidão na cena. Os quatro jovens do ônibus sorriem, se divertem com o amor urgente dos outros. Daquele quadro, Carolina tenta analisar os elementos: eles não vão para a mesma casa, estão se despedindo. Deve ser a vendedora e o cara do armazém. Paixão nova, na certa.

Outra vez o pensamento vai buscar lembranças do seu próprio mundo. Pensou na sua cama vazia há algum tempo. O Arnaldo foi um dos últimos que dormiram por lá. Mas ele também se foi. Para outra cama. Mas não importava. Naquelas noites sozinha aprendia a amar seu próprio corpo, se sentia livre até. Nua com a luz resplandecendo todas as curvas, sem se sentir culpada. Colocava na cama o rosto de quem queria. O lençol era pele, e o travesseiro, regaço. Adormecia em sonhos quentes e mutantes. O movimento do veículo a traz ao percurso de volta à casa. Faltava pouco para chegar. Voltou a ponderar sobre

os relacionamentos amorosos entre os humanos. Achava mesmo que bastava fazer como na cozinha: controlar o fogo e entender a singularidade de cada alimento. E não pesar a mão no sal. Senão botava tudo a perder ou adoecia. E uma coisa era certa, uma hora o lume ia apagar. E isso também não era ruim.

Hoje era quinta-feira. Sorriu ao lembrar que amanhã ia fazer uma jantinha pro Cláudio, o viúvo que mora perto da mercearia. Fazia um bom tempo que vinham conversando. Bom prosador o homem. Até gostava dos calos na mão dele. O trabalho na construção era pesado, e o sujeito tinha uns músculos ainda firmes. Depois da curva desceu do ônibus, ainda flutuando na nuvem da expectativa. Não queria deixar passar nenhum detalhe. Hidratou os cabelos e fez as próprias unhas. Nem ligou para o que disse a televisão, suas próprias abstrações falavam mais alto. Enquanto preparava seus dois ovos cozidos com salada, com atenção redobrada para não estragar o novo esmalte *vermelho brasa*, lhe ocorreu que as histórias sentimentais que frutificam são essas sementes teimosas que regamos como quem não quer nada. Quando saem as primeiras folhinhas, dá pena deixar secar. E aí vão vivendo, se entranhando em nós, embora não saibamos se realmente as queremos. Às vezes nem há espaço no nosso quintal.

Jantou e reparou que uma leve capa de gordura já se depositava nos azulejos da cozinha. Detestava aquele efeito acinzentado, e do ângulo em que estava sentada, ele se destacava ainda mais. Colocaria o Cláudio do lado oposto, assim ele teria como distração a janelinha dos fundos da casa. Dava até para ver o céu. Talvez tivesse uma lua bonita amanhã. Lembrou da camisola sexy, presente das amigas no seu aniversário. Sem inaugurar ainda. Por que não? Nunca usava peças daquele tipo. Um pouco de adaptação não faz mal a ninguém. E isso pode

ser mais belo do que a gente é capaz de aceitar. Ficou macambúzia por um instante, calculando os riscos da sua nova empreitada. Concluiu que não precisava se demorar tanto tentando construir uma vida pré-moldada que ela nunca teve e nunca terá. Nem queria mesmo. Foi ao quarto, pendurou o acessório em uma cruzeta e a deixou pousada na maçaneta do guarda-roupa, bem destacada. Para dar inspiração, pensou. A cor azul-petróleo era a sua preferida e a favorecia.

Outra vez observa as mãos, gostou do resultado. Sabe que dentro de alguns anos aqueles membros pedirão o devido repouso. Aposentadoria. E como ela estará? Gosta da ideia. Traça planos há um bom tempo. Um sossego. Uns gatos. E as viagensinhas para o sertão. E ainda sobram várias interrogações. Afasta o pensamento. Carolina estava cheia de medos e pensava que já não deveria tê-los. Ela não lembrava que o medo não nos abandona nunca. A segurança das pessoas maduras está sempre trincada. Por dentro da gente experiente e racional é comum encontrar uma criança assustada que se agarra a qualquer coisa familiar para se sentir segura.

Seu reflexo no espelho a fez lembrar com uma certa emergência o creminho facial. Levava uns dias sem usar. Que descuido. Assim não ia notar os efeitos nunca. Na embalagem havia a promessa de devolver o viço e a elasticidade perdidos. Calculou se realmente precisava daquilo. Já perdera tanta coisa mais importante. Colo e pescoço. Aproveitou e espalhou a gosma milagrosa um pouco mais. E outra vez se questionou sobre o porquê dessa luta para recuperar o que se foi. Nunca voltará. Seria mais fácil respeitar o espaço deixado. A marca cravada. No espelho viu a si mesma como um móvel velho. Madeira de lei. Cada lasca uma história. E o verniz é só uma lembrança. Tão bonito assim do jeito que é. Já mostrou que vale muito, tanto é que continua

de pé. Não precisava recuperar nada, que viessem mais marcas, pois seriam sinônimo de vida. Espalhar para cima e para as laterais, assim a pele absorve melhor a loção mágica. Não é porque é velho que a gente não vai cuidar. E nessa contradição resiliente seguimos.

Afofa o travesseiro. Amanhã vai trocar todo o jogo de cama. Amanhã tem a mesma rota, mesmos passageiros, mesma paisagem escura, até o motorista é o mesmo, mas o seu será um outro final. Ingrediente novo. De vez em quando calha bem. E cada dia vai seguindo como tem que ser, uma existência inteira. Apaga a luz e se abre no universo a caixa de outros sonhos. Daqueles que já vêm prontos. Carolina ainda prefere os seus, temperados a gosto quando ela está bem acordada. E para isso é preciso o espaço das horas noturnas, levando e trazendo miudezas de si. Num ajuste inconsciente dos emaranhados grudados na alma. Depois, na pressa do trânsito, ela mimetizará seus novos sonhos nos sonhos da massa de olhos vazios e desabitados, porque tudo está muito escondido dentro de nós.

# CAPA

A fotografia da capa, 'Montaria e o santo', é de autoria do fotógrafo Pedro Nascimento, servidor da UFC lotado na Casa Amarela Eusélio de Oliveira. Esta foi uma das obras selecionadas na 3ª Exposição NossArte realizada pela Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), por meio da Divisão de Programas e Projetos Culturais (DIPPC), com o apoio do Museu de Arte da UFC (MAUC) durante a Semana do Servidor 2020.



Visite nosso site:

[www.imprensa.ufc.br](http://www.imprensa.ufc.br)



Versão Digital

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC

Av. da Universidade, 2932 - Benfica

CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará - Brasil

Fone: (85) 3366.7485 / 7486

[imprensa@proplad.ufc.br](mailto:imprensa@proplad.ufc.br)

Nestes contos e crônicas, selecionados pelo Concurso Literário da Semana do Servidor UFC 2020 para a *Coletânea Travessia*, nascem oportunidades – um raio de energia-potência que se lança pelo mundo afora. Publicar é sempre um gesto de esperança, de aposta no encontro – quer ele aconteça no mesmo espaço/tempo do(a) autor(a), quer alcance rumos imprevistos, por geografias e gerações além. A relevância do ato de publicar se firma no diálogo: potencialmente, cada livro é uma voz nessa conversa profunda que se chama Literatura.

**Tércia Montenegro**

Escritora e professora do curso de Letras da UFC

